

Sumário

CARTAZ

- 4 — A Semana/Filmes/Televisão/Discos/
/Teatro/Exposições/Livros
- 26 — Na Berra
- 29 — Primeiro Plano

João Carreira Bom

A REVISTA

30 — O mundo de Pessoa

- Uma pátria com muitas línguas
António José Massano
- 36 — Ensaio
Pessoa e o tempo
Eduardo Lourenço
- 38 — Conversa
António Tabucchi:
um amigo português
Clara Ferreira Alves
- Pessoa e eu
Angel Crespo
- 43 — Itinerário
Os passos da morte
José Amaro Dionísio
- 48 — Testemunhos
Divididos na vida e na morte
Fernando Gaspar
- 53 — Visões
O fetiche e o culto
José Mendes
- 55 — Espólio
Os tesouros da arca inesgotável
António Guerreiro
- Menos-pessoanos, apessoanos
e antipessoanos
A. G.
- 58 — Retratos
O poeta ao espelho
Raquel Henriques da Silva
Maria Helena de Freitas

NACIONAL

62 — Cavaco e a «outra» oposição

- Teresa de Sousa
- 65 — O mistério das sondagens
Diogo Pires Aurélio
- 66 — Reportagem
Crime e silêncio
Vitor Bandarra

INTERNACIONAL

70 — A batalha de Marselha

Ana Navarro Pedro

CULTURA

72 — Jazz: uma Primavera de excepção

- Raul Vaz Bernardo
António Curvelo
- 75 — Duas Semanas Noutra Cidade
Eduardo Prado Coelho
- 76 — Estreia
João Canijo: «É possível fazer
cinema com pouco dinheiro»
Tereza Coelho
- Um Outono português
Manuel Cintra Ferreira

MAGAZINE

78 — Habiter 88: tendências em exposição

- Tereza Coelho
Alexandre Melo
- 82 — Bazar
- 86 — Moda
- 87 — Jogos Sortidos



a Crónica
de Vicente Jorge Silva

O século de Pessoa

NA SOLIDÃO irredutível de um destino que ele fingiu ser plural por causa, precisamente, da irredutibilidade dessa solidão, Fernando Pessoa sublima, como ninguém, uma condição trágica — e portuguesa — que se confunde com o século. Quando passamos os 100 anos do nascimento do escritor assiste-se por todo o mundo a um extraordinário «boom» editorial da sua obra, como se, finalmente, se consumasse o casamento póstumo entre o espírito de uma época e uma sensibilidade poética e filosófica que o antecipou... desde as primeiras décadas deste século.

Esta espantosa viagem no tempo, empreendida por um homem sozinho na Baixa de Lisboa, é um dos maiores prodígios da nossa idade. Tal como Júlio Verne intuía a face exterior e rutilante das coisas que iriam revolucionar o século, Pessoa pressentiu a face oculta e melancólica dessa vertigem. Mas é no momento em que nos abeiramos do horizonte do terceiro milénio que se produz uma sintonia universal com os sinais lançados por este profeta das perplexidades modernas.

As marcas do tempo que se instalaram nos textos do poeta reforçaram o carácter mágico e premonitório da sua aventura intelectual. Há textos de Pessoa que nos aparecem como uma espécie de secreta revelação — só agora exposta em todo o seu esplendor crepuscular.

Com efeito, apenas hoje nos apercebemos até que ponto Pessoa foi um visionário da condição contemporânea, o encenador de uma teatralidade que nos devolve, através do reflexo permanente das suas imagens e máscaras, toda uma dimensão existencial do homem moderno, dilacerado entre a saudade das últimas utopias e a grande interrogação de um tempo ainda sem contornos mas já sem deuses.

À galáxia Gutenberg que, segundo MacLuhan, prefigurou a aldeia global dos meios de comunicação de massa, contrapõe-se a galáxia Pessoa como universo cósmico das solidões contemporâneas. Produto típico da civilização industrial — e reflectindo, através do jogo dos seus heterónimos, a infinidade dos registos dramáticos que esse novo teatro do mundo solicitava —, Pessoa surge agora como um dos grandes perturbadores da consciência da era pós-industrial, ao confrontar-nos com a evidência de um homem dividido, eterno estrangeiro face a uma realidade fragmentada e efémera e para a qual busca um sentido no «écran» obscuro do século XXI.

Revelação perturbante entre todas: é o livro mais secreto e desesperado de Pessoa, esse diário de uma dor que se passeia pelas sombras cruas do quotidiano, o tristíssimo,

Livro do Desassossego, que ocupa o primeiro lugar na explosão internacional da obra do escritor. Mais do que a poesia, são esses fragmentos de uma viagem ao fim de um deserto interior que encontram a maior receptividade entre os leitores europeus e extra-europeus dos anos 80.

Pode dizer-se, sem forçar aproximações

dessa dolorosa perplexidade e desse naufrágio de códigos e valores clássicos que nos surpreenderam ao virar da esquina dos anos 60, devorando as velhas mitologias do optimismo histórico.

A prodigiosa modernidade deste testemunho e a complexidade inesgotável de toda a obra de Pessoa remetem-nos,

entretanto, para outra dimensão particularmente estimulante da sua personagem. Quando o «caso mental português» — que o poeta disseccionou num dos seus notáveis textos de intervenção — continua a ser caracterizado pelo império do provincianismo, Pessoa impõe-se hoje como o paradigma de uma atitude cosmopolita e europeia. Uma atitude, sublinhe-se, que se situa nos antípodas do cosmopolitismo frívolo e desabusado de alguns caixeiros-viajantes pós-modernos, embalados na doce leveza do efémero.

Sem necessitar da revelação divina do Mercado Comum ou da perspectiva unificadora de 1992, Pessoa percebeu que o espaço vital da cultura portuguesa teria de ser europeu — ou estaria condenado à asfixia e ao autismo. Era no confronto activo entre uma identidade específica portuguesa, uma originalidade profunda e exuberante do seu imaginário — de que o autor da Ode Marítima foi, de resto, o maior expoente neste século — com as outras identidades e expressões europeias que Pessoa via o caminho para uma irradiação universal da nossa cultura. O oposto também, como se vê, do que desejaríamos os corifeus do integralismo «yuppie», em plena histeria apoplética contra os Estados Unidos da Europa.

Mas basta um olhar sobre a malfadada Comissão dos Descobrimentos e o espectáculo indecoroso dos candidatos a comissários de todas as comissões — criadas e a criar — para regressarmos à evidência da nossa miséria cultural. Enquanto a Espanha vai construindo com um impetuoso dinamismo e sentido de «marketing» as suas comemorações, Portugal sabe cada vez menos o que fazer com a memória histórica que lhe cabe. Os apetites insaciáveis dos novos mandarins culturais que procuram monopolizar e chamar a si todos os cargos disponíveis enquanto o pobre

Governo não sabe a que santo se votar — numa manifestação grotesca de impotência, sublinhada pelo escuteirismo assarapantado do ministro Couto dos Santos — fornecem um contraste implacável com a dimensão que Pessoa sonhava para um país liberto do provincianismo serôdio — e como ele aberto aos grandes horizontes da universalidade. Neste quadro actual de pequenas misérias portuguesas recorta-se a grandeza solitária e quase anónima de um homem exilado no interior do país — e de si mesmo — mas cujo destino se confunde com o século.

